

COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO NA ADOLESCÊNCIA

Andréa Marques Leão Doescher¹; Vera Socci²

Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: andreamleao@gmail.com¹

Professora Titular da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail.socci@umc.br²

Área do Conhecimento: Psicologia

Palavras-chave: Adolescente. Iniciação Sexual. Preservativo

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por profundas transformações biopsicossociais, e é praticamente nessa fase evolutiva da vida que a sexualidade se estrutura e assume seu papel definitivo (ABERASTURY; KNOBEL, 1992; OUTEIRAL, 1994; LEÃO, 2009). Conforme afirma Socci (2010), é um engano imaginar que por ser inata e natural, a sexualidade é simples como “uma fruta madura pronta para ser apanhada e saboreada”; pelo contrário, trata-se da vivência mais conflituosa da adolescência, este que é um período de estruturação da personalidade e de definições da sua identidade. Não se trata somente de uma questão hormonal ou de impulsos inatos, assim como não se resume às experiências de busca do prazer assegura a pesquisadora, a sexualidade está comprometida com todo processo de aprendizado que é determinado pela educação e todo arcabouço sociocultural. E destaca ainda que o desenvolvimento da sexualidade nesta faixa etária nos dias de hoje, inclui, na maioria dos casos, a iniciação sexual, caracterizada pelos jogos sexuais presentes no auto-erotismo, na “paquera”, no “ficar”, no “rolo”, no namoro, desenhocando, não raramente, ao intercurso sexual propriamente dito. Conseqüentemente há a possibilidade de experimentação e variabilidade de parceiros, daí a importância de se ter acesso às informações sobre métodos contraceptivos e preventivos de doenças sexualmente transmissíveis, embora, segundo estudos de Taquette e Vilhena (2008) isto não garanta que o adolescente se comporte de forma sexualmente responsável. A vivência da sexualidade sadia, para Ozório (1995) talvez seja um dos maiores desafios para os adolescentes e adultos que o cercam, principalmente pais e professores. Ressalte-se que no âmbito da educação formal, embora a orientação sexual seja uma prática orientada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, a literatura especializada aponta para uma grande dificuldade da Escola e mesmo da Família para abordar este tema com suas crianças e adolescentes. Ao mesmo tempo que dados estatísticos demonstram a precocidade cada vez maior da iniciação à atividade sexual, com todas as suas conseqüências; além de que apenas uma minoria de jovens sexualmente ativos usam qualquer tipo de método contraceptivo e/ou preventivo das doenças sexualmente transmissíveis. Concordando com Miguel e Toneli (2007), entre outros estudiosos, ressalte-se a importância e a necessidade do desenvolvimento de pesquisas na área da sexualidade, de forma que, desvendando como as várias questões relacionadas à sexualidade se apresentam a este público, atuações mais efetivas quanto à importância da prevenção e uso de métodos contraceptivos possam ser feitas.

OBJETIVOS

Este trabalho teve como objetivo geral traçar um perfil do comportamento sexual do adolescente no que se relaciona a utilização do preservativo masculino, o condon.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada com 83 adolescentes, com idade entre 13 a 17 anos, estudantes da série final do Ensino Fundamental e da 1ª. série do Ensino Médio de Escolas Públicas localizadas em bairros menos favorecidos socioeconomicamente de uma cidade do interior de São Paulo, especificamente do Vale do Paraíba. Deste total, foram 34 adolescentes do gênero masculino e 49 do feminino. Sendo que, 38 deles já tinham uma vida sexual ativa – 18 do gênero masculino e 20 do feminino. Para a coleta de dados, foram utilizados um Questionário Sociodemográficos e um Questionário sobre Comportamento Sexual de Risco (QCSR), ambos desenvolvidos por Xavier (2005). Após autorização do Conselho de Ética em Pesquisa, e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pela Direção das Escolas, pelos pais e participantes, os instrumentos da pesquisa foram aplicados de forma coletiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação ao Questionário Sociodemográficos, 3 dos 83 participantes da pesquisa não o responderam (e não se justificaram), dessa forma, os resultados apresentados a seguir são referentes aos 80 adolescentes que responderam estas questões. Quanto ao gênero, foram 57,50% do gênero feminino. Em relação à escolaridade 83,75% cursavam o primeiro ano do Ensino Médio. A idade de maior incidência foi 15 anos com 43,75%. No tocante a religião, 57,60% se declararam católicos, sendo que 45% responderam serem praticantes. A maior parte destes adolescentes (38,75%) reside com o pai, a mãe e os irmãos. Os dados do QCSR indicam que: dos 83 participantes, 45,78% já haviam experienciado a relação sexual, sendo 18 meninos e 20 meninas, os demais não tinham iniciação sexual. Os adolescentes sem iniciação sexual declararam terem obtido as primeiras informações sobre sexo, predominantemente, com a mãe (41,38% do gênero feminino) e com os amigos (33,33% do gênero masculino), e afirmaram que conversam sobre sexo, na sua maioria, com os amigos (41,38%, das meninas e 33,33% dos meninos). Os adolescentes que declararam já ter vida sexual ativa afirmaram ter tido as primeiras informações sobre sexo com a mãe (35% dos meninos e 38,89% das meninas), sendo que 40% das garotas normalmente conversam sobre o assunto com amigos(as) e namorado(a) e 38,89% dos rapazes o fazem somente com os amigos. Estes dados são semelhantes aos do estudo realizado por Xavier (2005), no qual os adolescentes obtêm as primeiras informações sobre sexo, predominantemente, com amigos e com a mãe (67,9% e 40,1%, respectivamente) e costumam conversar sobre sexo com amigos e namorado(a) (78,1% e 36,9%, respectivamente). Sobre a utilização de preservativo, a grande maioria dos adolescentes sem iniciação sexual diz que pretende utilizá-lo quando tiver relação sexual (100% das meninas e 83,33% dos meninos), sendo pequeno o número de adolescentes que acham que a camisinha pode atrapalhar esta atividade (11,11% dos meninos e 10,34% das meninas). De forma análoga, aos adolescentes com iniciação sexual responderam que pretendem usar preservativo nas próximas relações sexuais (83,33% dos meninos e 70% das meninas), e mais da metade deles acham que a camisinha não atrapalha (60% das meninas e 50% dos meninos). Apesar disso, é expressivo o número de adolescentes que acusaram não ter usado preservativo na última relação sexual (72,22% dos meninos e 50% das meninas) e que nunca ou raramente utilizou preservativo nas relações sexuais dos últimos seis meses (27,78% dos meninos e 20% das meninas). Este dado é preocupante, uma vez que aponta a vulnerabilidade dos adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis e à gravidez não planejada. Ao que parece os adolescentes não estão esclarecidos de que a *aids* não está mais restrita aos chamados grupos de risco, mas envolve a todos, independente de classe social, cor, sexo, idade, crença religiosa, desde

que não se protejam utilizando preservativos em seus relacionamentos sexuais. Alarmante é saber que “[...] estima-se que a cada ano no Brasil, ocorram cerca de 12 milhões de novos contágios pelas diferentes doenças, das quais, um terço em indivíduos com menos de 25 anos” (SOUZA; BRUNINI; MUNARI, 2007).

CONCLUSÕES

Estes dados apontam que, embora os adolescentes expressem conhecer métodos contraceptivos, em específico o preservativo, e acusem pretensão de utilizá-lo nas relações sexuais, na prática é significativo o número de adolescentes que não fazem uso deste no seu cotidiano. Tais dados revelam a vulnerabilidade dos adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada, indicando a necessidade de programas cuidadosos de prevenção que promovam saúde sexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **Adolescência normal**. 10. ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1992.

LEÃO, A. M. C. **Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da UNESP de Araraquara quanto à inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. 2009. 343f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

MIGUEL, R.B.P.; TONELI, M.J.F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, 2007.

OUTEIRAL, J. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1994.

TAQUETTE, S.R.; VILHENA, M.M. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, 105-114, 2008.

SOCCI, V. Sexualidade: dificuldades e problemas. In M.N.LIPP(org.) **O adolescente e seus dilemas: orientação para pais e educadores**. Campinas (SP): Papirus Editora p. 81-108. 2010.

SOUZA, M M; BRUNINI, S; ALMEIDA, N. A. M; MUNARI, D. B. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, n.1, Brasília, 2007.

XAVIER, A. C. M. **Comportamento sexual de risco na adolescência : aspectos familiares associados**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.